

13 ABR 2007

SAÚDE

Incor deixa de pagar os salários de funcionários

Rafania Almeida

Mesmo após transferido para o governo federal e reforçado por R\$ 2,5 milhões do Senado, o Instituto do Coração do Distrito Federal (Incor/DF) sofre com a falta de receita. O salário dos funcionários do Incor está atrasado desde segunda-feira e ainda não existe previsão para o pagamento da folha, equivalente a R\$ 1,2 milhão. A direção do hospital corre atrás de alternativas, junto à Fundação Zerbini, de São Paulo. A dívida do hospital está calculada em R\$ 30 milhões.

Segundo o diretor do Incor/DF, Paulo Montenegro, a folha de pagamento é quitada com o dinheiro que o instituto recebe com os serviços que presta. Porém a receita é insuficiente. Pelo menos 80% dos atendimentos são feitos pelo Sistema Único de Saúde. Em janeiro e fevereiro deste ano, renderam só R\$ 850 mil, pagos por meio da Secretaria de Saúde.

— Até setembro do ano passado, a folha era custeada pela Fundação Zerbini, mas depois que nos desvinculamos a entidade já não pode repassar recursos. Devemos ser auto-sustentáveis — disse Paulo Montenegro.

O instituto, que antes contava com 525 funcionários para atender a 40 leitos, está hoje com 480. Cerca de 180 deles estão em uma lista de corte de gastos. As demissões só não estão ocorrendo porque a direção quer garantir que os funcionários exonerados recebam os direitos trabalhistas. Montenegro disse que o Incor

Além do atraso nos salários, Instituto precisou suspender compra de material aos fornecedores

está pagando um total de R\$ 1,2 milhão aos que já foram dispensados da instituição.

O diretor do Incor explicou que a paralisação nos atendimentos ocorreu devido à quitação das folhas anteriores. O instituto deixou de comprar insumos para abastecer a unidade e optou por pagar funcionários.

— Os fornecedores exigiam pagamento adiantado, visto que já tínhamos dívidas com eles. Na tentativa de evitar mais uma pendência pagamos os salários anteriores — considerou.

O Incor precisaria de receita mensal de R\$ 5 milhões para trabalhar em sua plena capacidade, com 100 leitos. Porém, Montenegro disse que será necessário reduzir a capacidade para garantir que a unidade não pare.

Para ele, o melhor seria que a unidade atendesse a pelo menos 80 leitos, o que geraria receita e evitaria que mais pessoas morressem na fila de espera. Mas a unidade trabalhará com a verba que for repassada pelo governo.

Hoje, além do dinheiro recebido pelo SUS, o hospital sobrevive com o pagamento dos atendimentos pelos convênios, calculado entre R\$ 1,5 milhão e R\$ 1,9 milhão. Como os serviços estão parado e só 17 pacientes estão em tratamento, o Incor não pode contar com essa receita.

Atualmente 200 adultos e 67 crianças estão na fila a espera por uma cirurgia cardíaca. No caso da cardiopedia, não existe outra unidade que faça o procedimento no DF.